

# MALDIÇÃO NA LITERATURA BRASILEIRA

O autor propõe uma nova teoria para o conceito de maldição na literatura brasileira. Malditos foram Euclides da Cunha, Rui Barbosa, Lobato, não escapando Francisca Júlia, com a sua poesia hierática, todos eles contrapondo-se a certas normas vigentes na época. Almansur Haddad, que assina o presente trabalho, revela como a nuvem da maldição também o atingiu em seus primeiros tempos de escritor.

Jamil Almansur Haddad

poemas eróticos no sentido em que Bilac os fazia. Os psicanalistas diriam que vinham de uma realidade de frustração e a conseqüente supercompensação. Anote-se: até 1940, a palavra amante era proibida no teatro brasileiro e imagine-se o impacto que a coisa dava. E como foi considerado o livro? Imoral e pornográfico. Este era o clima que socialmente (na época andava pelo terceiro ano da Faculdade de Medicina) me envolveu. Rebaixado ao nível do contador de anedotas fesceninas. E a crítica achava muita graça no meu erotismo. Diga-se de passagem que naqueles tempos os jornais eram muito mais numerosos do que hoje e davam muito espaço a matérias literárias. Dediquei o livro a um professor de medicina meu (Raul Briquet) que ficou gravemente ofendido com a dedicatória. Eu trabalhava com ele e não houve jeito senão arrancar a página de homenagem. E a pergunta pungente: "Como o Senhor (ele era muito respeitoso) faz um livro destes quando vai ser médico de senhoras?"

Estávamos em 1935. Tempos aprazíveis em que o governo era Armando Sales e o presidio chamava-se Maria Zélia. De modo que as cousas mais trágicas não aconteceram. Com Luís Martins, foi muito mais terrível. Ele morava no Rio e era oficial de gabinete de Agamenon Magalhães, então Ministro da Justiça, que teve que desempregá-lo, levando-o a fugir do Rio (o depoimento é dele próprio) porque tinha publicado um romance sobre a Lapa e falava de prostitutas. E na época (Estado Novo), havia uma identificação absoluta: Pornografia = Comunismo. E aí tínhamos o romancista recebendo ordens de Moscou. Eu, pelo que se vê, tinha atuado em época muito mais "democrática".

Por 1937, outro acontecimento desta casuística dolorosa: imoral e pornográfico o *Feijão e o Sonho*, de Origenes Lessa.

Estamos nos aproximando de enclausurar o conceito, entre os possíveis, de

maldição literária: o maldito literário pode ser o maldito sexual. Oscar Wilde, Verlaine e Rimbaud. O primeiro, nos primórdios do século, chegou a suscitar moda bastante suspeita: o amor ao cabelo com risca ao meio, por si só, dado o contexto, maliciável. Um estudo iconográfico seria altamente revelador a este propósito. Verlaine e Rimbaud duplicavam homossexualismo e alcoolismo. Foram, além do mais, autores de produção realmente fescenina, que teve o destino das publicações póstumas, já em épocas de justiça um pouco mais complacente.

Francisca Júlia  
"censurada"  
a fim de evitar  
a temática do sexo.  
Com Gilka a revolução

Já que estamos no terreno do sexo, a grande maldição podia residir simplesmente na condição de mulher. Na nossa tradição social, ser poetisa era, a certa hora, alguma coisa de parecido com ser artista de teatro ou mais explicitamente uma equiparação à atividade da prostituta. Mulher pode fazer poesia mas olha lá... sem amor. Não se permitia o erotismo. O caso de Francisca Júlia — muito importante na história da poesia brasileira (parnasiana) — tem laivos de tragédia. Legou dois livros com títulos bem ao gosto de sua estética. *Esfiages e Mármore*. Tive a ideia de cotejar os dois volumes: são iguais, com a diferença de que um deles tinha abolido por completo a temática amorosa (de resto, o que há foi "censurado"). Seria para os nossos dias a coisa mais suavemente ingênua que se pode imaginar. A autocensura no caso teve intensidade dramática.

E Gilka Machado? Gilka é realmente a hora da Revolução. Fazia, pelas alturas de 1920, uma poesia violentamente sexual (como nem

mesmo homem se atrevera a fazer). Pagou preço muito caro. Não foi oficial de gabinete de nenhum ministro. Só podia redigir os seus poemas em papel de embrulhar pão. Gilka abriu as comportas da liberação sexual da mulher brasileira. Morreu há pouco. Parece que salva do imerecido silêncio: suas obras conseguem boa reedição oficial e (aqui não temos muita certeza) parece que a Academia Brasileira (um pouco tardiamente) concedeu-lhe prêmio respeitável. É claro que as "malditas" não podem ser acadêmicas.

Sexo à parte, a maldição em país subdesenvolvido pode chamar-se simplesmente... desemprego. Estudo a fazer é do clássico relacionamento do escritor com a função pública no Brasil. Casos dramáticos: Aluisio Azevedo, quando conseguiu nomeação para Consulado, não mais escreveu uma linha sequer.

O racismo de Rio Branco  
incide sobre Euclides,  
mestiço e feio.  
A maldição chega  
também a Lobato

Outro caso. O Barão do Rio Branco cuidava de subir o nível intelectual dos nossos diplomatas mas, filho de francesa, agia como autêntico racista. Escolhia muito os auxiliares com base em critérios de brancura e eugenia. O aproveitamento modesto, em planos de Itamarati, de Euclides da Cunha deve-se a isto: Euclides era mestiço e feio. Até que ponto estes traços disgenéticos não "amaldiçoavam"? Feiura que por vezes suscitava a aparição de personagens da literatura de certos autores. Criava-se nas pessoas um racismo ao contrário, ou em termos nossos um antibrasileirismo. Falemos de Monteiro Lobato. Pude constatar pessoalmente o quanto lhe amargurava a condição de brasileiro. E de mestiço. E

de feio. Por isto inventou o Jeca Tatu, muito mais hediondo do que realmente pode ser o caboclo brasileiro. Personagem desgraçada através da qual o escritor como que transferia para a nação inteira desprimores que inconscientemente deveriam ter sido dele próprio. E quem ecoou pela nação inteira o mito cacogênico, a glorificação do Jeca Tatu foi outro feioso: Rui Barbosa. Onde se imagina chegar é que escritor bonito não inventaria personagem assim. Mário de Andrade criando o Macunaíma pode ser enquadrado em tipo igual de raciocínio.

Voltando ao emprego público, Raimundo Correia, quando foi nomeado juiz no Estado do Rio, desmentia categoricamente, perante os mais bem "informados", que tivesse perpetrado sonetos que se chamavam *Mal Secreto* ou as *Pombas*. A celebridade literária adquirida o molestava profundamente. Atitude de quem se considerava maldito. Voltando a Rui: ele tem uma página inteira, defendendo-se da acusação de escritor. Joaquim Nabuco é outro.

Maldição na  
Academia fechando  
as portas aos boêmios.  
Uma reação  
insólita

Saja-se da "maldição", trabalhando... Machado de Assis, Olavo Bilac, Coelho Neto trabalhavam como mouros e a atividade ia desde o poema ao romance elaborado, à quadra de interesse publicitário. A Academia Brasileira (fundada por Machado de Assis) no seu recrutamento inicial obedecia muito a estranho critério: boêmio não entra. Mas, um deles quis entrar: e conseguiu por um argumento de muito peso: o temor de sua bile satírica.

A verdade mesmo é a Academia: chegava-se a descrever o tipo do acade-

mizável: pessoa discreta, socialmente agradável, avessa à publicidade. Hoje este último requisito vem se tornando anódino, pois com a mudança dos tempos, escritor vem deixando de ser notícia. São contingências, entre outras cousas, de ordem industrial, não entrando mais em jogo a dosagem do narcisismo de cada um. A instituição tinha que acabar tendo inimigos mais ou menos acérrimos e mais ou menos sínceros. Antiacadêmico típico foi Agripino Grieco. Ficaram célebres as suas conferências pelo país em companhia de Salomão Jorge, que acabaram por suscitar anedotário copioso. Coroa-vam-nas um sucesso total. O seu andamento cáustico afagava evidentemente os instintos de uma população de sádicos ou frustrados. Tendia a "burrificar" as condições de acadêmico. E vinham nomes que a verrina não poupava, ou melhor: Ataulfo de Paiva, Laudelino Freire...

Examinemos agora o episódio A *Bagaceira* de José Américo de Almeida. O livro, pelas alturas de 1928, saía lançado com extraordinário êxito. Agripino, como fazia de hábito, entende de destoar do aplauso unânime. Fez artigo massacrando o romance célebre. Mas pagou a língua. Pouco depois vem a revolução de 30 e José Américo descia da Paraíba feito Ministro da Viação do Governo Revolucionário. E neste ministério Agripino era funcionário. Entra em relativo pânico. Tem a ira vingativa do patrão novo e imprevisto. Mas tudo acabou se conciliando. Fez novo artigo para dizer que José Américo de Almeida era gênio. Donde o La Fontaine indígena pode ter sacado moral nova: com o poder não se briga. A maldição tem o seu avesso.

Jamil Almansur Haddad, escritor, poeta, professor universitário, médico. Autor de *Orações Negras e Revisão de Castro Alves, Flores do Mal* (introdução e tradução).

Joyme Cortez, desenhista, pintor e ilustrador. Autor da coleção "Curso Prático de Desenho", em 5.ª edição.